Jornal defensor dos interêsses de Guimarães e o de maior tiragem e expansão no Concelho

Notícias de Guimarães

16.º N.º 821
GUIMARÃES, 26 de Outubro de 1947
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranense. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Agricultura indígena angolana

Os jornais de Angola, há pouco chegados a Lisboa, dão-nos conta de uma interessante providência, destinada a estimular os indígenas, para o aumento da produção agrícola, nos distritos de Luanda e do Mochico. A Junta de Exportação daquela Colónia submeteu à aprovação do governo geral uma série de bases, que ele aprovou e fez publicar, segundo as quais será ministrada assistência técnica e serão dados outros auxílios aos nativos que melhorem e intensifiquem as suas culturas tradicionais, ou se dediquem a outras aconselháveis, quer pela natureza do solo, do clima regional, das condições locais de consumo e possibilidades de exportação. Bom seria que semelhantes determinações fossem extensivas a todo o território angolano, visto que a sua economia assenta, predominantemente, na lavoura gentílica, pois é a ela que se devem cerca de oitenta por cento das exportações da Colónia, no que respeita às produções do solo. O milho, o feijão, o algodão, a mandioca, a cera, bastantes oleagionosas, algum café e outros produtos chamados pobres, são todos eles das lavras nativas, cabendo às grandes empresas, ou a grupos de colonos, as produções do açúcar, do cizal, do tabaco, do café melhor seleccionado e do óleo de palma, mas nas quais também o trabalho indígena largamente participa, através de uma organização comercial defeituosa, que nem sempre paga ao preto o justo valor das mercadorias que ele oferece à venda.

Bom seria também, como bastas vezes o tenho preconizado, que se criasse na Colónia o crédito agrícola, a favor do nativo e do pequeno colono, quanto ao primeiro, por intermédio das autoridades administrativas locais, a quem compete não só defender o trabalho indígena, para que as suas produções não continuem lamentàvelmente aviltadas pelo comprador, o que lhe tira o estímulo para se entregar à sua agricultura, mas também exercer junto do preto uma acção de necessária e eficaz assistência de ordem moral e material. E, aqui, poderia caber-lhes a iniciativa da criação de cooperativas regionais, para os agricultores indígenas, como estímulo produtor e protector das suas vendas.

Nos termos das bases acima referidas, são criadas brigadas de monitores e capatazes indígenas, sob a direcção de um regente agrícola, as quais promoverão a melhoria do nível de vida das populações nativas e o aumento de riqueza dos distritos em questão. Devem procurar interessar os produtores indígenas no aumento de géneros e produtos para a alimentação própria e para a venda, de forma que as populações assistidas obtenham uma alimentação mais económica e sadia, e possam vender o excedente de suas colheitas, para melhoria das suas condiçeõs de vida. Cumpre a tais brigadas escolher e indicar os géneros agrícolas mais próprios das áreas respectivas, tendo em vista os hábitos dos nativos e a natureza dos terrenos, assim como promoverem a criação de animais domésticos, adptáveis a cada região, ensinando o preto a tirar deles o melhor aproveitamento possível. Deverão ensinar ao nativo o uso das ferramentas e alfaias mais próprias ao cultivo da terra, orientando-o também nos melhoramentos a introduzir nas suas culturas. Estabelecerão anualmente os planos da campanha agrícola, fixando as qualidades e quantidades a semear por cada cultivador, em áreas mínimas a determinar. Devem ainda promover o abastecimento de géneros alimentares nas regiões acidentalmente deficitárias, em virtude de maus anos agrícolas, competindo lhes ensinarem o preto a conservar devidamente as suas colheitas, para dispor das suficientes reservas alimentares. Procurarão interessar o indígena na prática de normas higiénicas, tanto no que respeita à sua alimentação, como a vestuário e habitação, competindo-lhes indicar ao médico da localidade mais próxima a existência de qualquer doente que não possa comparecer nos hospitais e dispensários da área respectiva, a fim de que seja devidamente assistido. Cumpre-lhes ainda promoverem a criação de mercados regionais, a que o nativo possa levar os seus produtos, para uma venda fiscalizada, e adquirir os artigos de vestuário e outros de que precise, em condições de justo preço.

Tais são, nas suas linhas gerais, as medidas que me apraz aplaudir, se forem conveniente e honestamente postas em prática, visando, acima de tudo, o legítimo interesse do nativo, a quem temos de ensinar, muito mais pelo bom exemplo do que por vagas palavras. Desejaria eu que elas fossem executadas em toda a Colónia, ia escrever mesmo em algumas regiões da Metrópole, onde a nossa vida rural de semelhantes incentivos e protecções está bastante carecida. Daqui, às cooperativas de produção e venda dos produtos da agricultura, puramente indígena, com o crédito agrícola, que o próprio Tesouro angolano pode facultar, vai um pequeno passo, que conviria dar, a bem da economia geral da Colónia, e na imprescindível defesa do trabalho nativo.

D. C.

Comemorações do 25.º Aniversário do Vitória

Na sua Conferência, Ribeiro dos Reis falou acerca do Desporto e da Educação Física — O banquete de confraternização reuniu para cima de 200 convivas e decorreu no meio da mais sincera alegria e do maior entusiasmo.

Major Ribeiro dos Reis

Terminaram, no domingo, as festas comemorativas do 25.º Aniversário Vitória, as quais decorreram num ambiente de desportivismo e atingiram muito brilho.

No sábado, dia 18, realizou-se, no Teatro Jordão, a anunciada sessão solene que tinha como orador oficial o Sr. Major Ribeiro dos Reis.

A grande sala de espectáculos encontrava-se repleta, vendo-se, entre a assistência, muitas senhoras.

Assumiu a presidência o Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, presidente do Município, ladeado pelos Srs. Dr. Moura Machado e Antero Silva, respectivamente presidentes da Assembleia Geral e da Direcção do Clube.

No palco, viam-se, ainda, os Srs.: Dr. José Francisco dos Santos, Luís Filipe Coelho, Dr. José Maria de Castro Ferreira, professor de Educação Física do Liceu; Dr. Jorge da Costa Antunes Delegado da M. P.; António Faria Martins, Amadeu Guimarães, Chefe Francisco Correia, da P. S. P.; representante do Comandante da L. P., Patrão Henrique Gomes, dos B. V. de Guimarães, etc.

A apresentação do orador foi feita pelo Dr. Moura Machado, que, em breves palavras, focou a figura de relevo do Sr. Major Ribeiro dos Reis, referindo se, ainda, a alguns problemas do Vitória e, em especial, à grande iniciativa da fundação da «escola de jogadores». Assinalou, também, a acção valorosa de Artur Baeta, orientador técnico da secção de futebol, a quem, mais directamente, se deve tão importante obra.

O Sr. Major Ribeiro dos Reis começou a magnífica oração com um breve improviso, para agradecer as manifestações de que fôra alvo, em especial pela apresentação feita pelo Dr. Moura Machado e pelo carinhoso acolhimento da assistência.

O discurso de Ribeiro dos Reis

Escutado com o maior interesse pelo numeroso auditório, Ribeiro dos Reis, depois de uma ampla e sólida justificação dos objectivos da educação física, patenteou as conclusões assustadoras a que nos levam os dados fornecidos pelas estatísticas médicas e pelos relatórios dos Serviços de Recrutamento, sobre as deficiências do nosso sistema educativo.

Acentuou a importância fundamental que, para o futuro da Nação, podem ter as medidas de protecção à natalidade e a defesa da saúde e robustez das crianças e referiu-se, também, ao papel da ginástica, dos jogos e dos desportos na obra que está ainda para realizar, não obstante todas as iniciativas dos últimos tempos, que nos permitiram dar um decidido passo em frente.

Prosseguindo, demonstrou os progressos registados no capítulo da ginástica educativa e os benefícios colhidos nas classes da Mocidade Portuguesa e da F. N. A. T.

Não deixou o orador de salientar a utilidade do funcionamento de Centros de Medicina Desportiva e as vantagens do exame prè-desportivo, que fornecem elementos seguros sobre a capacidade funcional do desportista e permite orientá-lo na escolha das modalidades que mais convém ao seu desenvolvimento e aperfeiçoamento.

Ribeiro dos Reis ocupou-se, por último, do futebol, apontando generalidades sobre a sua prática, deficiências de aprendizagem, importância primordial do aperfeiçoamento da técnica de execução, cursos de treinadores e normas que devem orientar os respectivos programas de ensino.

No final do seu brilhante e valioso

O DISCURSO DO DR. JOSÉ PINTO RODRIGUES

NO BANQUETE DE CONFRATERNIZAÇÃO DO VITÓRIA

Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães
Minhas Senhoras
Meus Senhores

A Comissão Organizadora das festas comemorativas do XXV aniversário do Vitória conferiu-me o mandato de proferir, neste jantar, algumas palavras de agradecimento, incitamento e homenagem.

Honrado sobremodo pela incumbência, só teria a regozijar-me pelo seu desempenho, se não fôra o não me sentir com forças para dar satisfação a quem confiou em mim e àqueles a quem vou dirigir-me.

Continuo com o mesmo fogo sagrado, continuo o mesmo vitoriano de sempre; reconheço, porém, que é tempo de nestas andanças passar o testemunho a outro, mais jovem e mais vibrante, que tenha a boa sorte de viver na aura fagueira das ilusões, desconhecendo a amargura das inquietações e dos desgostos.

Aliás, não estou arrependido de nada, se não de ter feito menos do que poderia e deveria; nem as contrariedades, nem uma ou outra malquerença me desfaleceram ou entibiaram o desejo, perene e veemente, de ser útil.

Cá estou, pois, uma vez mais a maçá-los, e desta — sem remédio.

*

A história destes 25 anos foi feita, com fluência e brilho, pelo Luís Filipe Coelho, que na conferência inaugural destas comemorações relatou, com minúcia e verdade, as diversas fases que passou, até ao presente, o Vitória.

Foram por ele evocados os fundadores e quantos contribuiram para que o Vitória atingisse o lugar que hoje ocupa, lugar que, sendo já muito destacado, ainda não é o que verdadeiramente lhe compete e que, sem dúvida, obterá, se todos, particulares e entidades oficiais, se devotarem a melhorar as condições de vida da colectividade, trabalhando para que se multiplique e se expanda nas diversas modalidades cujo exercício é necessário a uma eficiente contribuição para o progresso e desenvolvimento do Desporto Nacional, que o mesmo é dizer — para o revigoramento da Raça.

Se falta muito ou pouco para que isso aconteça, é, sobretudo, questão de boa vontade.

O que está feito de algum modo garante o que pode fazer-se.

O exemplo dos *velhos* (digamos assim) deve ser guia impulsionador da energia dos *novos*.

*

Muitos dos presentes não fazem ideia do que foram os *tempos heróicos do Vitória*.

Alguns — nem sequer teriam nascido; outros — não sonhavam em dar-lhe a colaboração, entusiástica e firme que, posteriormente, lhe vêm dispensando; não poucos se riram, então, dos esforços de meia dúzia de pessoas a quem consideravam pouco mais de malucos.

Aos que já partiram, de vez, sem terem a alegria de se regozijarem com os êxitos e os triunfos mais recentes do Vitória, foi já prestado o comovido e agradecido preito, que plenamente mereceram.

A sua memória será sempre lembrada — e a melhor maneira de a honrar é fazermos com que a obra a que se lançaram, com dedicação e sacrifício, cada vez se torne mais digna deles, de nós e da nossa Terra.

*

Nunca é de mais lembrar aos vimaranenses que o Vitória lhes pertence; mas por isso mesmo que lhes pertence, é obrigação dos vimaranenses não se limitarem às exteriorizações mais ou menos exuberantes a que dão causa as horas boas, mas acompanhá-lo, ajudá-lo, moral e materialmente, *materialmente, em primeiro lugar*, em todas as circunstâncias, de modo que ele venha a ser *o que deve ser*: uma instituição desportiva e cultural que em profundidade e extensão nada fique a dever às melhores do País.

E' indispensável que assim aconteça, para que não quedemos, nisto, como estamos noutros aspectos, em deplorável estado de atraso ou de inércia.

Certo é ser grande, apesar de tudo, lamentàvelmente, aqui e além, a legião dos que entendem — primàriamente — que uma colectividade desportiva é sòmente uma organização de «ponta-pé na bola», como eles dizem, e pouco ou nada mais.

Há que combater estes rotineiros e convence-los, — aos de Guimarães, no que respeita, em particular, ao Vitória — que a robustez física e a formação do carácter dos seus filhos estará, em muito, nas possibilidades que o Vitória alcance de realizar inteiramente a sua missão.

Seja-nos relevado o repetir estas afirmações, já tantas vezes expressas, e que estão, de certo, no ânimo de todos os presentes.

Não é excessiva — assim o julgo — a contumácia. Nem estas palavras se dirigem ùnicamente aos presentes. Visam, em boa verdade, muito mais, com muito mais razão, os ausentes.

Dos ausentes distingo: os que não vieram porque, por índole paralizante, não se mexem para nada; os que não vieram porque... não gostam; os que não vieram por indiferentes; os que não vieram porque ainda não compreendem; os que não vieram porque não puderam.

Para estes últimos, para os que não puderam, a grande maioria dos associados do Vitória, vão as minhas — as nossas — calorosas saudações. Estão aqui em espírito. Não são para estes ausentes tais palavras porque com eles sempre se pode contar: são para *os outros*. Mas mesmo esses *outros* quero firmemente crer que, pouco a pouco, virão até nós, à medida que se forem apercebendo do que o Vitória pretende fazer, se não por eles, pelos filhos deles!...

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Acedeu, de bom grado, o Sr. *Presidente da Câmara* ao convite que lhe foi feito para, em representação do Município, assistir a este jantar.

A presença de S. Ex.ª traz-nos a certeza de que o Vitória pode continuar a contar com a ajuda camarária.

A' Câmara deve o Vitória uma assistência que, não sendo, embora, a precisa, tem sido meritória. Com efeito, o Município não tem visto com indiferença a actividade da colectividade local que nestes últimos anos mais tem feito pelo bom nome de Guimarães.

Está hoje à frente da Câmara um novo, um vimaranense que sente e vive as necessidades e os anseios desta Terra.

Está em muito boas mãos o duro e difícil e nobilitante encargo.

Julgo interpretar a vontade de todos

(Conclue na 4.ª página)

Mãos de neve

Quisera as tuas mãos sempre pousadas,
As tuas mãos de neve, transparentes,
Nas minhas mãos grosseiras, calejadas,
E de tanta labuta assim doentes...

Quisera as tuas mãos acetinadas,
Com dedos como fusos transcendentes,
Postas nas minhas faces enrugadas
Das mágoas que ainda passo tão pungentes...

Quisera as tuas mãos na horrenda hora
Em que o maior de nós se vai embora,
E vai para o além eternamente...

As tuas mãos de neve, à minha beira,
Naquela hora extrema, derradeira,
Fechariam meus olhos docemente...

Outubro de 1947.

DELFIM DE GUIMARÃES.

MAJOR GENERAL DA ARMADA

O Sr. Vice-Almirante António Garcia de Sousa Ventura, nosso ilustre Conterrâneo e Amigo, foi reconduzido no alto cargo de Major General da Armada, motivo por que apresentamos a S. Ex.ª os nossos respeitosos cumprimentos.

ALBANO DE SOUSA GUISE

Seguiu ontem, por via aérea, de Lisboa para o Rio de Janeiro, o nosso querido amigo e prestimoso

conterrâneo, Sr. Albano de Sousa Guise, que até há pouco esteve entre nós, onde veio de visita a seu estremoso pai, irmãos e aos numerosos amigos e admiradores que conta no meio vimaranense.

Ao nosso respeitável Amigo, de quem ontem recebemos, na hora da partida, um cativante telegrama, com os melhores cumprimentos e desejos de feliz viagem, retribuimos o seu abraço com votos da melhor saúde e infindas prosperidades.

trabalho, a assistência tributou-lhe calorosa ovação.

O Banquete de confraternização

No domingo à noite e no Restaurante do Teatro Jordão, realizou-se o banquete de confraternização, que ali reuniu para cima de 200 convivas e serviu para encerramento das brilhantes comemorações das *Bodas de Prata do Vitória*.

Na mesa de honra tomaram lugar o Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, que tinha à sua direita os Srs. Major Ribeiro dos Reis, Antero H. da Silva, presidente do Vitória; Jerónimo de Castro, Secretário Geral da A. F. B.; Dr. João Mota Prego de Faria, Dr. Manuel Jesus de Sousa e Dr. José Pinto Rodrigues, e à esquerda os Srs. Dr. José Maria de Moura Machado, presidente da A. G. do Vitória; J. Teixeira, presidente do Colégio de Arbitros de Braga; Dr. Jorge da Costa Antunes, delegado da M. P.; Dr. José Francisco dos Santos, Comissário do C. N. E.; António Pipa, presidente do Sporting de Braga e José Casimiro da Silva, presidente do Futebol Club de Famalicão.

Em lugares reservados sentaram-se ainda os representantes dos Clubes: Vianense, Sporting de Fafe, Futebol Club de Fafe, Futebol Club de Vizela e das Taipas e Moreirense, o Sr. Manuel Afonso, do Benfica; alguns sócios fundadores do Clube e bastantes senhoras e indistintamente cerca de 200 sócios e desportistas vimaranenses.

Os Brindes

Iniciou a série dos brindes o ilustre advogado vimaranense e nosso querido amigo Sr. Dr. José Pinto Rodrigues, *vitoriano* dedicado e de todas as horas e sócio honorário do Clube, que lhe tem prestado muitos e assinalados serviços e a quem todos os assistentes tributaram uma grande manifestação de simpatia.

O seu discurso — admirável lição de desportivismo e de amor à terra — publicamo-lo em outro lugar do nosso jornal e na íntegra.

Seguidamente brindaram os Srs.: António Henrique Curado, capitão da equipa vitoriana, que, em nome da mesma, se associou aos votos formulados e terminou por abraçar no sócio n.º 1 do Clube, Sr. Francisco da Cunha Mourão, todos os bons amigos do Vitória; Jerónimo de Castro, que começou por saudar Guimarães e o seu valoroso Vitória, que tem andado a ensinar, de ponta a ponta de Portugal, através das cores da bandeira que desfralda, do seu entusiasmo e da sua bravura, o nome da terra que tão dedicadamente serve. Cita os nomes de alguns vitorianos em evidência e confunde esses nomes com os anónimos rapazes da rua que dia a dia vão gritando com toda a sua alegria: Vitória! Vitória!

Depois refere se à lealdade e inteligência de António Faria Martins, que tanto no Vitória como na Associação distrital tem desempenhado preponderante papel e a Antero da Silva, sempre atarefado nas horas boas e nas horas más do seu Clube.

Sauda em Ribeiro dos Reis, expoente máximo do jornalismo desportivo do país, toda a Imprensa. E depois de referir-se ao trabalho admirável do Dr. José Pinto Rodrigues termina saudando esta terra tão airosa, tão forte, porque tem trabalho; tão bonita, porque tem progresso e tão saudável porque tem o Vitória!

Depois de haver brindado pelas prosperidades do Vitória o Delegado do Colégio de Arbitros, o Sr. António Pipa, em nome do Sporting de Braga, afirma que veio ali por sentimento para prestar homenagem a um Clube que tanto tem prestigiado o desporto na província do Minho.

E afirma com energia:

«A existência do Vitória é a razão de ser do Sporting.

«Somos rivais no campo mas acima de tudo obreiros leais da mesma causa».

O nosso camarada e amigo Sr. José Casimiro da Silva, em nome do Futebol Clube de Famalicão, começou por saudar o berço da Pátria, agradecendo, depois, a honra do convite que lhe foi feito para aquela festa.

Considera o Vitória como que o Pai adoptivo dos Clubes que existem no distrito.

— A' sombra dos louros do Vitória — afirma — os vizinhos estimularam-se.

A festa que se está a celebrar, diz ainda o orador, não é só para Guimarães, é antes para o futebol de toda a província do Minho.

Termina, saudando entusiástica e vibrantemente os rapazes do Vitória, os seus dirigentes e a Imprensa, tendo palavras de muita amizade para o *Notícias* e seu director, o que profundamente nos sensibilizou.

O Sr. Manuel Afonso, do *Benfica*, brindou a seguir pelas prosperidades do Vitória, louvando os seus dirigentes e bordando algumas considerações à volta do desporto, a propósito da festa que se estava a celebrar.

O Sr. Major Ribeiro dos Reis, recebido com uma demorada salva de palmas, começa por dizer que vem só deixar também o seu cartão de visita na bandeja das homenagens que o Vitória está a receber, para manifestar o seu agradecimento ao Vitória, ao Dr. José Rodrigues, aos delegados dos Clubes de Braga e Famalicão e da Associação distrital, por todas as atenções e referências de que foi alvo e aproveita a oportunidade para lhes dizer que considera pela projecção do seu valor, o distrito de Braga, como o 2.º círculo futebolístico do país.

O orador bordou algumas considerações a propósito do aniversário do Vitória, afirmando que o grande número de dedicações que se juntam à sua volta são a certeza consoladora do futuro de amanhã.

A terminar:

«Pelos triunfos do «nosso» Vitória levanto a minha taça!»

O Sr. António Faria Martins começa por agradecer à Comissão organizadora das Festas das Bodas de Prata a forma como levou a efeito a sua iniciativa e felicita-a por isso.

Depois e para confirmar um ofício que a direcção do Vitória endereçou recentemente à Câmara Municipal, afirma, em nome de dois mil associados do Clube, que Guimarães, um dos concelhos mais populosos do país, há-de ter dentro de seus muros gente que saiba administrar o Município, pelo que espera que, como é vontade dos vimaranenses, a escolha do Presidente do Município recaia no nome do Dr. Augusto Ferreira da Cunha, que tem estado a desempenhar essas funções e cujas qualidades de inteligência e carácter o orador pôs em merecida evidência.

Por último, levantou-se o Sr. Dr. Ferreira da Cunha, a quem todos os presentes tributaram calorosa ovação.

Agradece as palavras do Dr. José Pinto Rodrigues prestando homenagem ao seu talento. Agradece ainda as palavras de António Faria Martins que são o reflexo de uma velha amizade. Fala do seu muito amor à terra, afirmando que as palavras amigas que ali recebeu servirão de incentivo para a resolução que tenha de tomar.

Termina, bebendo pelo Vitória e dizendo que trabalhará pelo seu progresso que anda tão intimamente ligado ao bom nome de Guimarães.

E por entre estrondosas salvas de palmas e os acordes do «Hino da Cidade», executado por um quarteto, assim terminou aquela admirável festa que coroou brilhantemente as Bodas de Prata do nosso querido Vitória.

FUTEBOL

Vitória, 9. Vianense, 0. — Escola de Desportos do Vitória.

No domingo passado jogaram na «Amorosa» o Vitória e o Vianense. O grupo visitante, que só se fez notar pelo desportivismo com que aceitou o esmagador resultado, não pôde, apesar de ter lutado abnegadamente, opôr-se à capacidade realizadora dos vimaranenses e teve de abandonar o rectângulo vergado ao peso de 9-0.

O ataque do Vitória, ao contrário do que acontecera com o Sporting de Braga, teve neste encontro acção destacada, conseguindo desfazer a má impressão que havia deixado. Para isso concorreu sem dúvida o reaparecimento de Brioso, há tanto tempo esperado e desejado, e a inclusão do habilidoso Miguel. Mas todo o grupo se movimentou bem, tendo feito sobretudo uma excelente primeira parte, a cujo final chegou com 6 tentos de vantagem.

Machado continua a inspirar confiança aos companheiros e a revelar explêndida forma. Os defesas e os médios também se vêm tornando notados pela regularidade e segurança das suas exibições. Tendo todos jogado em ordem, neste encontro é justo porém destacar a acção de Curado e de Garcia.

Foram marcadores: Alcino, 3; Rebelo, 2; Brioso, 2; Miguel, 2.

O encontro foi arbitrado por Manuel Ribeiro, do colégio bracarense.

Pelo Vitória alinharam: Machado, Garcia, Costa, Luciano, Curado, José Maria, Franklim, Rebelo, Brioso, Miguel e Alcino.

Vianense — Juvenal, Lopes, Silva, Baptista, Melo, Maiato, Oscar, Lopes, Casimiro, Mário e Braga.

Em Reservas, o Vitória ganhou por 6-0.

*

Enquadrada no programa festivo das Bodas de Prata do Vitória e com a presença dos membros directivos do Club e do ilustre e prestigioso desportista Sr. Major Ribeiro dos Reis, fez-se no domingo de manhã, no Campo da Amorosa, a apresentação da *Escola de Desportos do Vitória*, que a todos causou a mais agradável impressão. Na verdade aqueles 57 rapazes, impecàvelmente equipados, asseados e limpos, constituiam no meio do rectângulo uma radiosa promessa do desporto vimaranense, que apetecia contemplar. Após a apresentação das equipes de Júniores e Infantis, os miúdos do Infantil A e do Infantil B fizeram uma exibição de futebol que a todos demonstrou o aproveitamento que têm colhido dos ensinamentos que devotadamente lhes estão a ser ministrados pelo competente treinador do Club, dedicadamente coadjuvado nessa missão por António Bravo — o grande animador e impulsinnador da Escola e que procura por todos os meios ve-la mais e mais engrandecida — Dr. José Maria Moura Machado, João Augusto Passos e Adélio Ricoca.

Alguns miúdos mostraram-se possuidores de muito jeito e capazes de àmanhã bem honrarem Guimarães e o Vitória.

Ao mesmo tempo que daqui saudamos aqueles que meteram ombros à dignificante tarefa, queremos também exortá-los a prosseguirem nela sem desfalecimentos pois isso além de muito e muito os honrar garantirá brilhante futuro ao Desporto vimaranense.

*

No mesmo campo também se realizou, integrado no programa festivo, o jogo de Voleibol entre o Vitória e o Académico de Braga. A partida foi bem disputada e teve a presenceá-la muitas pessoas que pela primeira vez assistiam a tal exibição.

O triunfo, por reduzido número de pontos e após luta muito equilibrada, coube aos visitantes, que antes do jogo entregaram um lindo galhardete ao Sr. Antero H. da Silva, muito digno Presidente da Direcção do Vitória.

J. G. F.

FARPAS

Anda uma luta tremenda
Sem que ninguém a entenda
Ou a queira compreender!
Senhoras alvoroçadas,
As modistas 'stão paradas
E não cortam... até ver!...

No cinema e nos salões
E em todas as reuniões
Jamais se podem calar!
A toda a hora e momento
Discutem o comprimento
Das saias que vão usar!

Haja mais pudor e brio
Que esta época de frio
Resolve, em parte, a questão...
E, se isto é permitido,
Sem querer ser atrevido
Eis a minha opinião:

Manda o bom senso, leitora,
A toda aquela senhora
Que é Mãe ou esposa qu'rida,
Que a saia cubra o joelho...
— Não digo até ao artelho
Se assim a julgar comprida. —

À mulher — anjo do lar —
Cumpre-lhe sempre educar
As suas filhas amadas.
Que moral é que lhe assiste
Se ela — a mãe — não resiste
A's modas disparatadas?

Se nas terras estrangeiras
Essas modas e maneiras
Ofendem toda a moral,
Por que não se lhes faz guerra
Não as usando na terra,
Tão linda de Portugal?!

Que lições nobres e belas
As senhoras e as donzelas
Agora podiam dar!...
Mas — triste realidade! —
Vencidas pela vaidade
Continuam a... esperar!...

Darmoa.

REPARAÇÕES — máquinas de escrever, registadoras, costura, fotográficas — Rua de Santo António, 26. 651

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarães»

"Vida de Nun'Alvares,,

CONFERÊNCIA

No dia 19, p. passado domingo, a convite da Direcção do Jornal "Notícias de Vizela,, realizou-se, naquela vila, a 1.ª conferência cultural dum ciclo que o mesmo jornal promoveu para ilustração e erudição dos habitantes da encantadora vila de Vizela, a Rainha das Termas de Portugal. Merece todo o elogio a distinta Direcção do Jornal, pois com esta sua tão

simpática e proveitosa iniciativa, revelou o interesse que tem pelos seus leitores e assinantes e o amor que consagra à terra querida.

Eram 21 horas. O salão, espaçoso e grandioso do Hotel Sul-Americano, recebe o que de melhor tem a formosa vila de Vizela e imediações.

Vamos, a esmo, anotando alguns presentes: Dr. Manuel Bravo R. Faria, Dr. Rómulo Campante, Família da Casa da Ponte, Direcção dos Bombeiros, Junta de Turismo, Párocos da vila (S. Miguel e S. João), Abade de Vilarinho, Escuteiros, Vogal Camarário Sr. Manuel Faria, J. Lopes (Zinhas), industriais, comerciantes, etc., etc. Há uma nota simpática a sobressair no salão engalanado: São as rumorosas e ilustres Damas vizelenses e meninas da melhor sociedade.

Passam alguns minutos. Ouvem-se palmas. Chega o conferente convidado, acompanhado pela ilustre Direcção do "Notícias de Vizela,, Reitor de Serzedelo e representante da Imprensa desta cidade.

O Director do referido Jornal e nosso camarada Sr. Francisco Pereira da Costa, procede à constituição da mesa, convidando a presidir o pároco da freguesia de Serzedelo, que se fez rodear pelo representante da Câmara Municipal em Vizela, Presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários, Abades de S. João, S. Miguel e Vilarinho, Presidente da C. de Turismo e médicos locais.

Pelo mesmo Sr. Costa é feito um substancioso discurso em que dá a explicação da realização do ciclo das projectadas conferências. Alude ao meio de Vizela e faz a justificação de todos se interessar por concorrer para melhorar o ambiente social. Diz da alegria que sente em ter a honra de esse ciclo ser iniciado pelo saber de um dos mais eruditos e eloquentes conferencistas na classe sacerdotal — o Dr. Francisco de Melo — cuja palavra tem merecido o aplauso dos mais cultos auditórios, quer nos templos sagrados, quer nas salas das mais prestimosas associações culturais e de bem social. O Presidente da mesa que havia aberto com palavras de aplauso a sessão, confessa a sua incompetência para dizer mais do que pedir para o seu ilustre Colega e Amigo muito dedicado, toda a atenção para escutar a lição do mestre consumado que todos anseiam por aplaudir.

O Dr. Francisco de Melo levanta-se para falar, então. Jubilosamente ovacionado por toda a enorme sala com palmas que parece não ter fim, o preclaro sacerdote, Abade da Raimonda, começa por agradecer aos Director e Administrador do Jornal a prova de gentileza que para com ele tiveram, querendo que fo se ele o primeiro a falar na série de conferências que se propunham levar a efeito a bem de Vizela. Confessa a sua gratidão para esta manifestação, só própria de pessoas tão educadas e cultas como se vem revelando os Srs. Damião Oliveira e Costa. Sente-se confundido perante a atitude nobre e festiva com que tão selecta assistência o havia recebido.

Sauda os seus colegas a quem muito estima e principia a conferência.

Sentimos muito não poder dar na íntegra a notável conferência, que foi uma linda página que a linda vila de Vizela escreveu nos seus ilustres pergaminhos pela mão dum mestre eminente. Lição de patriotismo e civismo que Nun'Alvares deu em toda a sua vida, eis o resumo do discurso do Dr. Melo.

Depois de ter cantado as belezas da terra minhota e falado, com grande sentimento, do povo que tem aqui seu berço, o conferencista desta noite fala-nos da terra do Condestável, da sua ilustre família, dos seus primeiros mestres, etc.

Apresenta-nos a figura de criança jovem (menino e moço), verdadeiro modelo de fortaleza e audácia. Descreve factos encantadores em que manifesta a sua erudição, para fazer passar perante a nossa imaginação as imagens vivas duma figura que ficou na História como uma das maiores em todos os tempos. Desde Pedraço, em Celorico, até Lisboa, Valverde, Aljubarrota, etc., nós vamos assistindo às cenas do mais abnegado sacrifício e admirável patriotismo que nos legou o Herói e Santo — Nun'Alvares.

Vida do mais corajoso guerreiro, do mais audaz chefe militar, do mais ardente patriota, foram notas descritas com tal elevação, que dificilmente se apagarão dos nossos espíritos presos de tamanha elevação de conceitos e de imagens de tão ricas cores. Várias vezes a distinta assembleia manifestou a sua admiração, interrompendo o conferencista.

Fala-nos da caridade, do verdadeiro espírito cristão que aquecia sempre e animava a extraordinária vida de Nun'Alvares e era o segredo das suas vitórias e cometimentos os mais arriscados que sempre foram coroados das mais assinaladas vitórias. Que orgulho para nós, portugueses, podermos apresentar ao Mundo um vulto de tanta grandeza!... Diz-nos o que foi a última parte da existência do Condestável. Vemos o soldado trocar o arnez por um hábito bem humilde de Carmelita. Mas, mesmo debaixo da roupagem do frade Carmelita, a mesma dedicação à Pátria e o mesmo e constante propósito de, se for necessário, ou se Castela pretender de novo trazer ameaças à independência de Portugal, ele, Frei Nuno de Santa Maria, empunhará novamente a espada. Refere-se à voz do Povo — a voz de Deus — para nos recordar a veneração com que era tido dentro do Mosteiro do Carmo. O seu amor aos pobres, repartindo à porta do Convento o "pão, a sopa, a roupa... mailo seu dinheiro,,... As suas virtudes soaram longe e merecem as honras dos altares. E' o Beato Nun'Alvares, o Santo Condestável de Portugal.

Após a sua conferência que prendeu o selecto auditório durante 1 hora, o Dr. F. Melo foi muito cumprimentado e abraçado pelos seus numerosos amigos.

A custo se conseguiu silêncio, para o Presidente da mesa, Reitor de Serzedelo, encerrar a sessão. Em palavras muito sentidas e entusiastas, o ilustrado P.e Joaquim A. Ferreira da Silva congratulou-se por ter-lhe sido concedida tamanha gentileza que para ele constituia um prazer, por ter assistido e religiosamente escutado uma lição dum tão exímio mestre e um dos seus mais categorizados colegas a quem muito admira e estima e justamente aprecia.

Felicita vivamente a Direcção do Jornal "Notícias de Vizela,, por ter tão feliz ideia, já pela iniciativa que concebera e começara a realizar, já pela escolha de tão talentoso e mimoso conferencista. Dava os parabéns à vila de Vizela — à melhor e mais distinta porção dos seus habitantes ali presentes. Falou da necessidade que todos os que amam a sua terra devem sentir por melhorar o seu ambiente educando-o cada vez mais e elevando-o e cultivando-o cada vez melhor. A união — afirma com calor — será a garantia de bom êxito e feliz sucesso para a empresa agora tão felizmente inaugurada. Espraiou-se em considerações de ordem social, para saudar e felicitar todos os presentes que nas diversas profissões e posições se reuniam ali para todos unidos trabalharem para o mesmo fim — a Bem de Vizela — sem distinção de pessoas nem de classes.

Tudo o que dissesse a respeito da conferência seria inútil e supérfluo, pois ele também era ali alma e havia aprendido mais alguma coisa do pouco que sabe.

Para o Dr. F. de Melo tem as palavras do mais justo reconhecimento. Apresentou-o como padre no verdadeiro sentido da palavra, vivendo com o seu trabalho, exemplo e muito saber, para proveito do próximo e auxílio do seu semelhante. Sentia não ter língua que soubesse destilar perante todos os presentes, palavras que pudessem traduzir o que seu coração continha e a sua curta inteligência idealizava. Falou da sua vida ainda como pároco, o autêntico pastor de almas, que as guiava como pai e dirigia como mestre.

Terminou, dizendo ao Dr. Melo: em nome desta distinta assembleia, em nome do Jornal de Vizela e em meu próprio nome, receba, num Amigo Colega um bem cordeal "muito e muito obrigado,,. Deus lhe conceda vida e saúde para poder continuar a mimosear-nos com lições como esta que acabamos de ouvir.

De novo as palmas e as manifestações da assistência confirmaram bem eloquentemente a sua harmonia com o sentir e falar do Reitor de Serzedelo. Eram 23 horas. Todos se felicitavam e cumprimentavam a Direcção do Jornal local por esta tão esperançosa e feliz iniciativa. — C.

"GUIMARÃES... ALMA DUMA CIDADE,,

Levam-me as circunstâncias a pegar na caneta para desfazer boatos ou mal entendidos e expôr aos vimaranenses as verdadeiras condições em que foi realizado o documentário «Guimarães... alma duma cidade».

Tendo recebido o apoio oficial da Câmara Municipal, vim a Guimarães com o intuito de realizar um documentário sobre a cidade, aproveitando as Festas Gualterianas.

Actualmente, os documentários só podem fazer-se por meio de verbas angariadas no próprio local, ou seja por intermédio da Câmara Municipal, Comissão de Turismo e indústria, pois a defesa comercial na venda de documentários a uma firma distribuidora, é praticamente nula.

Quando cheguei a Guimarães, entrei logo em acção junto da indústria para ver se arranjava uma verba, que, aliada àquelas que conseguisse obter na Câmara e no Turismo, fosse suficiente para a realização do documentário. Após três dias de trabalho, já tinha contratos firmados no valor de 17 contos e a ideia era bem recebida por toda a indústria. Mas surgiu o incêndio da Praça de Toiros. Mandaram-me chamar para que filmasse a sua reconstrução e perguntaram-me qual seria o preço. A minha resposta foi a seguinte: «Eu já tencionava filmar 25 metros sobre a reconstrução da Praça e como a metragem é pequena não levo nada». Mas o acontecimento da reconstrução da Praça tomou tal amplitude, o esforço dos vimaranenses era tão sincero, que eu não hesitei em filmar todos os pormenores que julguei interessantes, pois isso seria o único documento vivo que ficaria de momentos tão emocionantes. E os 25 metros foram «andando» até ultrapassarem os duzentos!... E no entanto nessa altura eu debatia-me neste dilema: Estava longe de ter a verba suficiente para fazer o documentário... mas nas minhas veias corria sangue português.. fui para a frente, pois se não filmasse naquela altura, passava a oportunidade! A seguir à reconstrução da Praça, vieram as Festas Gualterianas e apresentou-se o mesmo caso: Por falta de tempo, a verba era ainda a mesma, mas se não filmasse... passava a oportunidade!... Só depois de terminarem as Festas pude voltar à difícil e ingrata tarefa de arranjar a verba que me faltava. Consegui na indústria a verba suficiente para filmar a parte que lhe dizia respeito; mas ficava em branco a verba correspondente à metragem das Festas Guaterianas e da reconstrução da Praça de Toiros. A Câmara, apesar da boa vontade que sempre demonstrou em auxiliar esta iniciativa, não pôde dar mais que 10 contos. O Turismo e a Comissão das Festas não puderam prestar auxílio monetário.

Aproveito a ocasião para relembrar algumas frases dum artigo publicado há pouco tempo no «Diário Popular», de Lisboa, com o seguinte título: «E por que não a obrigatoriedade dos documentários nacionais?» — Torna-se necessário — absolutamente necessário — que os novos estatutos do cinema português criem a obrigatoriedade de exibição dos documentários nacionais nos nossos cinemas. De outro modo a produção de qualquer documentário será sempre uma aventura atrevida, sem a mínima defesa comercial. Isto, salvo casos excepcionais...» E o artigo terminava: «Julgamos que é chegada a hora da chamada protecção ao documentário nacional!».

No fim de tudo isto, fico com um déficit bastante elevado, mas resta-me a consolação de ter cumprido integralmente o meu dever profissional não poupando canseiras nem despesas, para apresentar um documentário que focasse bem as virtudes da cidade que foi o berço de Portugal.

Guimarães, 10 de Outubro de 1947.

Mário V. Coelho.

Círculo de Cultura Musical

Como tínhamos noticiado realizou-se na passada quinta-feira a reunião dos associados da Delegação de Guimarães, que foi na verdade muito pouco concorrida.

Depois de aprovadas as contas do ano findo, não foi possível realizar-se a eleição dos corpos gerentes por ser muito escasso o número de associados presentes.

Porque o número de inscritos para a presente temporada é ainda muito diminuto, foi resolvido fazer-se um último apelo a todos os vimaranenses para que salvem a Delegação de Guimarães, inscrevendo-se até ao próximo dia 1 de Novembro.

Se nesta data o número de associados não garantir a vida desta temporada, a Delegação será definitivamente extinta e Guimarães privada de voltar a ouvir as celebridades musicais que já anunciámos.

Apela-se para todos os vimaranenses cultos ciosos do bom nome desta terra, para que salvem este organismo, pois a sua extinção é na verdade pouco lisonjeira para a nobre cidade de Guimarães.

ALUGA-SE
em sítio central
grande Armazém, primeiro e segundo andares para as trazeiras. Informa no Largo 28 de Maio, 88. Pode servir também para estabelecimento a retalho. 653

No meu Cantinho

Terça-feira, 23 de Setembro.
Recordar não é viver.
Recordar é ter saudades.
Vou lembrar uma saudade.

* * *

Aqui há perto de doze anos, um belo dia, no cavaco ardente de uma das mesas centrais do Refeitório do Internato, a propósito da palavra *talassa*, o dedicado Capelão dos motoristas vimaranenses argutamente observou que daqui a dezenas de anos os Linguistas haviam de se ver em inextricável dificuldade para lhe determinar a origem.

Ora dá-se o caso que *A Nação*, no seu recente número, apresenta a página central cheiinha toda com um verdadeiro ensaio sobre a semântica do termo.

«Monárquicos e thalassas» é a epígrafe da interessantíssima página.

A História ergue-se ali altaneira e linda em dez colunas que são dez jóias.

No futuro os Dicionaristas terão ali a formosíssima chave do enigma.

Que riqueza de página pra meu gozo!

* * *

Um belo dia Ferreira Torres expandiu o seu saber defendendo o Latim algo desdenhado por Serras e Silva.

As *Novidades* de 20 de Setembro e *O Comércio do Porto* de 2 de Outubro demonstraram em Serras e Silva um desdém ainda maior pela Matemática.

Ferreira Torres não viu?

Pois foi pena que não visse.

* * *

Várias vezes eu penso e até cismo: como é que o nosso Arlindo R. da Cunha pode bastar a tantos cuidados?!

Ainda agora atira a público a 2.ª edição da **Liturgia dos Fiéis** que recorda a 1.ª do saudoso Gomes de Almeida.

Benvinda seja tão oportuna reedição. E que muitos fiéis se apressem a exigir a terceira.

* * *

E' grande pregador o Abel Varzim.

O fundo do *Jornal de Notícias* de 19 de Outubro é um sermão de alta doutrina.

Não é longo, mas é forte!

Abel Varzim enfrenta bem os tempos!

G.

ERRO CAPITAL

E' bem conhecido, pelo menos cá no Minho, o caso da reprodução da Estátua de D. Afonso Henriques, de Guimarães, que, talhando larga fatia do pão do compadre, se pretende oferecer à cidade de Lisboa...

De Guimarães é a estátua. A Guimarães pertenceu sempre. Se esta cidade resolvesse oferecer a sua reprodução à cidade de Lisboa, a ideia podia ser gentil, embora não deixasse de ser de mau gosto. Mas quem vai oferecer a Lisboa a reprodução da estátua que a Guimarães pertence, é a cidade do Porto, e a gente fica sem saber ao certo como estas coisas podem acontecer...

O nosso prezado colega «Notícias de Guimarães», através de um inquérito em que foram produzidos contra a projectada oferta argumentos irrespondíveis, apresentou a questão com tanta clareza que chegou a parecer a todos os nortenhos que a iniciativa fôra posta de parte.

Assim não aconteceu, porém, como se depreende das notícias ùltimamente publicadas na imprensa de Lisboa e Porto.

Conforme se diz numa representação coberta por muitas dezenas de assinaturas ùltimamente entregue à Câmara Municipal de Guimarães, «não foram suficientes as opiniões dos Ex.mos Srs. Dr. Eduardo de Almeida, Pintor Abel Cardoso, Escultores António de Azevedo e Diogo de Macedo, Coronel Mário Cardoso e Engenheiro e Arquitecto Júlio de Brito; não foi ponderado o ar de miséria que circunda o oferecimento de uma cópia e não de uma nova estátua, obra de um escultor hodierno; não se quis saber da deselegância cometida perante a memória do grande Estatuário Soares dos Reis; esqueceu-se o brio nunca desmentido da esplendente cidade do Porto; desatendeu-se o direito de Guimarães ser a única possuidora, «de jure et facto», da estátua de D. Afonso Henriques, obra de Soares dos Reis».

E é lamentável, na verdade, que tudo isto escape aos animadores da iniciativa, sob todos os aspectos infeliz, e que no seu prosseguimento se insista sem considerar com serena imparcialidade as razões que a Guimarães assistem para se opor a tão estranha ideia.

A estátua de D. Afonso Henriques não foi feita pelo original... Não é, pois, a reprodução exacta do Fundador da Monarquia. Qualquer escultor dos nossos dias podia realizar obra que se comparasse, em beleza e significado, com a de Soares dos Reis, que ùnicamente o facto, que se não dá, de ser a vera efígie do Conquistador justificaria que se copiasse para se oferecer, depois, no aniversário da conquista da Cidade, à Capital do País.

De resto, nada pode habilitar-nos a supor que fosse aquela a estátua que Soares dos Reis imaginaria neste momento e para o fim que se pretende, se ele vivesse e tal trabalho lhe encomendassem.

O Afonso Henriques de Guimarães não poderia ser nunca, na imaginação de um artista da plana de Soares dos Reis, o Afonso Henriques de Lisboa.

Parte da beleza e do simbolismo da estátua deve-se ao facto dela ter sido feita para o cenário, para a cidade em que se encontra. Para outra terra, para outro local, é possível, é quase certo que o escultor não a teria criado assim. A serenidade, a força, a atenta vigilância, a confiança com que o Afonso Henriques de Guimarães pisa o solo onde nasceu, não podem ser idênticos ao ardor, ao entusiasmo, ao ímpeto e ao heroísmo que deviam caracterizar o Conquistador ao pisar Lisboa, terra de infiéis.

Enfim, por vezes sentimos a dolorosa impressão que a voz das terras pequenas não chega ao Terreiro do Paço. E é pena, porque foi esse, também, um dos erros capitais cometidos antes de 28 de Maio de 1926...

(De "O Minhoto" de Valença).

Bata Bata

Brevemente, estas afamadas botas para água serão postas à venda na

SAPATARIA LUSO

Intendência Geral dos Abastecimentos

DELEGAÇÃO DE GUIMARÃES

Constando nesta Delegação que alguns retalhistas de mercearia estão propalando que o azeite referente ao mês de Setembro não será distribuido em virtude de se ter iniciado uma distribuição de óleo de mendobi à população, que, segundo os mesmos alegam, é destinada a substituir o azeite do referido mês de Setembro, são informados os consumidores da área desta Delegação de que tal informação não é verdadeira, pois parte do azeite já foi distribuido a retalhistas, aguardando-se apenas a chegada do restante, que se encontra em trânsito, para completar a distribuição à população deste concelho.

Quanto ao óleo de mendobi que se principiou a distribuir é respeitante ao mês de Outubro corrente.

Devem pois os consumidores exigirem dos seus fornecedores a entrega do azeite na base de 0,5 dec. por pessoa, relativo ao mês de Setembro, e do óleo de Mendobi na mesma capitação no que se refere ao mês de Outubro e logo que tenham conhecimento da chegada desses artigos ao nosso concelho, a qual lhe será comunicada oportunamente por meio da imprensa.

* * *

Informa, também, terem sido recebidas, para abastecimento do concelho, pelos retalhistas abaixo mencionados, as quantidades de géneros referentes aos contingentes que lhes foram atribuidos para o corrente mês:

Francisco Pereira da Silva Quintas, Guimarães — açúcar, 14.925 kg.;

Ribeiro & Martins, Lt.ª — 3.000 kg. de açúcar; idem, 21.531 litros de óleo.

Mais informa que as capitações do corrente mês são sa seguintes:

Grupo A (Urbano)		*Grupo B (Rurais)*	
Arroz	0,400 gr.	Arroz	0.400 gr.
Açúcar	0,500 »	Açúcar	0,250 »
Sabão	0,250 »	Sabão	0,250 »
Oleo	0,5 dcl.	Oleo	0,5 dcl.

Os preços dos géneros são os que a seguir se indicam:

Arroz	5$30
Açúcar (cristal)	5$70
Sabão	5$70
Oleo	11$25
Azeite (extra) de Setembro	13$90
» (cons.) » »	12$80

Tomou posse

o novo Arcipreste e Pároco de N.ª S.ª da Oliveira

No passado domingo tomou posse do lugar de Arcipreste e Pároco de N.ª S.ª da Oliveira, o Rev. António de Araújo Costa, que nesse dia dirigiu aos fieis uma alocução.

O novo Arcipreste e pároco da freguesia de N.ª S.ª da Oliveira recebeu depois os cumprimentos de muitos paroquianos e outras individualidades vimaranenses.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhe também as suas saudações com votos de muitas prosperidades.

Instituto Nacional do Trabalho e Previdência

DELEGAÇÃO DE BRAGA

AVISO

Tendo a Comissão de Interligação das Centrais do Norte determinado, por virtude de estiagem, que a energia eléctrica fique suspensa à indústria deste distrito 3 dias por semana, enquanto durarem as respectivas causas, torna se público que ao pessoal dos quadros permanentes das empresas industriais devem ser pagos os salários correspondentes a esses dias ou a qualquer outro período de paralização pelo mesmo motivo, visto o I. N. T. P., apenas se regularize o fornecimento de energia eléctrica, permitir para a compensação respectiva, o trabalho suplementar que for necessário.

Braga, 24 de Outubro de 1947.

O Delegado,

Henrique Cabral de Noronha e Meneses.

AVISO

Extraviou-se no passado dia 23 do corrente uma letra na importância de 3.150$00, aceite por Eduardo de Magalhães Bastos e sacada por José Alves de Sousa, vencida em 20 de Setembro p. passado. Pede-se à pessoa que a encontrar o favor de a entregar na Redacção deste jornal.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Dr. Américo Durão — *Faz hoje anos o nosso querido Amigo e ilustre Colaborador sr. dr. Américo Durão, talentoso Poeta, ora residente em Lisboa, onde chefia a Secção de Turismo da Câmara Municipal, e que no meio vimaranense conta as maiores simpatias e amizades, granjeadas pelas suas apreciáveis qualidades de carácter e de inteligência.*

"Notícias de Guimarães" felicitando-o, efusivamente, deseja ao seu querido amigo as maiores prosperidades.

*

Fazem anos:

No dia 26, o nosso prezado amigo sr. Comendador Manuel Ferreira Barbosa, de Joane, um dos mais importantes e considerados industriais do norte do país; no dia 27, a sr.ª D. Maria Fernanda Albuquerque Oliveira Pires, filha do nosso amigo sr. José de Oliveira Pires e da sr.ª D. Lúcia Albuquerque Pires; o distinto médico e Director Clínico do Hospital da Misericórdia sr. Dr. Alberto Ribeiro de Faria, e o nosso amigo sr. Abílio Gonçalves; no dia 28, a Senhora D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, Esposa do Senhor Presidente da República, e as Senhoras D. Maria da Conceição Lobo Machado Melo Sampaio Abreu Coutinho (Viscondessa de Paço Vitorino), D. Emília da Natividade da Silva Bastos, D. Ana Augusta Mendes Ribeiro, D. Loduvina Virgínia de Barros Araújo e D. Maria Adelaide Ribeiro Vieira de Andrade e mademoiselle *Jaquelina Monteiro Dias de Castro; no dia 29, as sr.as D. Custódia Ribeiro de Faria Martins e D. Emília de Oliveira Pereira Felix, esposa do nosso bom amigo sr. José Maria Felix Pereira, e a interessante menina Maria Antónia, filhinha do nosso bom amigo sr. António U. Santos Simões e de sua esposa; no dia 30, a sr.ª D. Deolinda Pereira dos Santos; no dia 31, o nosso prezado amigo sr. José Octávio Fernandes Serrano Fernandez Mayor, de Lisboa; no dia 1 de Novembro, a sr.ª D. Adelaide Rosa de Castro e o sr. José Veloso, de Lisboa, distinto aluno da Faculdade de Medicina;* mademoiselle *Maria Eduarda Pedrosa Machado, filha do nosso prezado amigo sr. Eduardo Rodrigues Machado, de Lordelo, e o menino José Manuel da Silva Gomes, filho do sr. José Gomes e da sr.ª D. Maria Amélia da Silva.*

"Notícias de Guimarães" apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Esteve de novo entre nós o nosso querido amigo e talentoso orador sacro, rev. dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda.

— Cumprimentámos também, nesta cidade os nossos prezados amigos srs. José Casimiro da Silva, nosso ilustre camarada de V. N. de Famalicão, e J. Tinoco, de Lisboa.

— Tem estado em Lisboa o nosso bom amigo sr. Amadeu Guimarães, activo presidente do S. N. C.

— Esteve no domingo nesta cidade o nosso prezado amigo e distinto Professor e Pintor de Arte, sr. Abel Santos.

— Com suas famílias regressaram das suas propriedades de Souto e de Taboadelo, respectivamente, os nossos bons amigos srs. António Bourbon do Amaral e Fernando Lobo Neves Pereira.

— Cumprimentámos nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Guilherme Menezes, de Pico de Regalados.

Doentes

Encontra-se internado na Casa de Saúde da Boavista, no Porto, onde vai ser submetido a uma intervenção cirúrgica, o nosso prezado amigo sr. Amadeu César dos Santos Pinheiro, a quem desejamos o mais breve restabelecimento.

— No Hospital da Misericórdia foi também submetido a uma operação, que decorreu muito bem, o nosso prezado amigo sr. António Guilherme Saavedra, a quem igualmente desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

— Encontra-se a tratar da sua saúde no Sanatório de Francelos, a sr.ª D. Maria Fernanda Ribeiro Marques de Freitas, filha do nosso prezado amigo sr. António Fernandes de Freitas.

Desejamos as suas melhoras.

Nascimento

Em 22 do corrente nasceu o primogénito da sr.ª D. Maria José de Cintra Penafort Campos e Matos, encontrando-se mãe e filho muito satisfatòriamente.

Os nossos parabéns.

Baptizado

No templo de N.ª S.ª da Oliveira baptizou-se uma filhinha do nosso bom amigo sr. Adelino Gaspar e de sua esposa a sr.ª D. Maria Amélia Martins, que recebeu o nome de Maria Izabel.

Foram padrinhos o também nosso bom omigo sr. Izidro José Ferreira e sua esposa a sr.ª D. Maria Amélia Ferreira.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarães»

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21 horas

APRESENTA uma esplêndida super-produção musical de grande categoria: —

O SÉTIMO VÉU

COM James Mason E Ann Todd

Quarta-feira, 29, às 21 horas:

A mais surpreendente obra-prima do Cinema europeu contemporâneo:

REGRESSO ETERNO

COM: Madeleine Sologne - Jean Marais - Jean Murat

Sexta-feira, 31, às 21 horas:

O FILME DE GRANDE ÊXITO:

TERRAS DO DEMÓNIO

COM

JOHNNYM - BROWN E TEX - RITTER

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Tereza de Jesus

No lugar de Covas, freguesia de Urgezes, finou-se a Sr.ª Tereza de Jesus, mãe do estimado mestre de obras e nosso amigo Sr. José da Costa.

Ao Sr. José da Costa apresentamos condolências.

D. Celeste da Conceição Pereira de Matos Lage

Vitimada por uma pertinaz enfermidade e confortada com todos os sacramentos da Igreja, finou-se na penúltima 4.ª feira, na sua residência à Rua de Francisco Agra, a Sr.ª D. Celeste da Conceição Pereira de Matos Lage, estremosa esposa do comerciante Sr. Amândio de Matos Lage, nora do nosso prezado amigo Sr. José António de Matos, abastado proprietário em Atães, e cunhada do também nosso prezado amigo e conceituado industrial Sr. António Lage de Matos.

A desventurada senhora, que contava apenas 24 anos de idade, deixa na orfandade 3 criancinhas.

O seu cadáver foi removido com numeroso acompanhamento para a freguesia de Atães, na manhã de quinta-feira, tendo se realizado os ofícios fúnebres na paroquial da mesma freguesia.

A toda a família dorida apresentamos sentidos pêsames.

D. Maria Pereira

Na sua casa das Quintães, freguesia de Infias, faleceu a Sr.ª D Maria Pereira, esposa do Sr. João Pereira, mãe das Sr.as D. Carlota Pereira, D. Engrácia Pereira do Amaral, D. Antónia Pereira, D. Belém Pereira e dos Srs. Raúl Peireira e Guilherme Pereira, e sogra da Sr.ª D. Emília Alves Pereira e dos Srs. António Pinto do Amaral e Freitas e Lindolfo de Freitas.

O funeral teve numerosa assistência.

Manuel Machado

Na sua residência, à rua de D. João I, finou-se há dias o nosso amigo e antigo comerciante local Sr. Manuel Machado, pai dos Srs.: António Machado, José Machado, Francisco Machado, João Machado e Miguel Machado, aos quais, assim como à restante família dorida, apresentamos condolências.

O seu funeral efectuou se na quarta-feira de manhã para o cemitério de Atouguia, em cuja capela foi rezada a missa do corpo presente e o responso de sepultura, perante numerosa assistência.

Inocente Alberto Magalhães

Contando 5 primaveras finou-se o inocente Alberto, filho do guarda da P. S P. desta cidade, Sr. Domingos Pereira de Magalhães, tendo-se realizado os responsos de glória na capela do cemitério Municipal perante numerosa assistência.

A chave do pequenino ataúde foi entregue ao digno Chefe da P. S. P., Sr. Francisco Correia.

Os nossos sentimentos aos pais do inditoso Alberto.

José de Sousa Carvalho

Na sua residência, à rua n.º 6, nesta cidade, finou se o Sr. José de Sousa Carvalho, que há algum tempo se encontrava bastante doente.

O saudoso extinto era pai da Sr.ª D. Eulália de Jesus Carvalho de Macedo, sogro do Sr. Orlando Umberto Lemos Macedo, irmão das Sr.as D. Maria da Assunção Sousa Carvalho e D Clotilde Carvalho Miranda e dos Srs. António Cândido de Sousa Carvalho e Amândio de Sousa Carvalho e cunhado da Sr.ª D. Leonor Carvalho e do Sr. António Nicolau de Miranda.

O seu funeral efectuou-se ontem, à tarde, para o Cemitério Municipal, tendo-se incorporado no préstito muitas pessoas das relações do extinto e da família dorida, à qual apresentamos os nossos pesames.

António Fernandes

Na sua residência do Carvalhinho, S. Romão de Arões (Fafe) e contando 82 anos de idade, finou-se, no dia 19, o Sr. António Fernandes, proprietário, casado com a senhora D. Antónia da Costa Bastos Fernandes, pai das senhoras D. Maria das Dores Fernandes da Costa Bastos e D. Palmira Fernandes Bastos Macedo, avô do Sr. João Artur Marinho Afonso Barbosa e da Sr.ª D. Antónia Hermínia Bastos Barbosa Andrade, casada com o nosso amigo Sr. Emanuel Mesquita Vieira de Andrade.

O seu funeral efectuou se na terça-feira para o cemitério paroquial de S. Romão de Arões, em cuja Igreja foram resados, por 10 sacerdotes, os responsos de sepultura, que tiveram numerosa e selecta assisiência.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

De luto

Pelo falecimento de uma sua sobrinha, ocorrido, há dias, em Fafe, encontram-se de luto os nossos amigos Srs. Américo Alves Ferreira e Domingos Alves Ferreira, aos quais apresentamos os nossos pesames.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao Largo do Toural.

20 Arautos de D. Afonso Henriques

Amanhã, segunda-feira, na sede dêste Grupo Recreativo realiza-se, pelas 20,30 horas, uma sessão comemorativa do 19.º aniversário da sua fundação.

Contribuições

Na Secção de Finanças deste concelho acha se em reclamação, pelo espaço de 15 dias, a contar do dia 20 do corrente, o rendimento tributável fixado aos contribuintes do Grupo C para o ano de 1948, com excepção das seguintes modalidades cuja reclamação será oportunamente anunciada: açougue ou talho, fábricas de fiação e de tecidos, vinho (mercador); madeiras (exportador) e mercearia (armazém).

Por falta de respeito

Por faltarem ao respeito à Polícia foram edviados a Juizo diversos indivíduos.

Máquina de escrever

Vende-se uma Remington em bom estado. Informa-se nesta Redacção.

D. Raquel Baptista de Sousa

Alzira Pimenta Torres e Alzira Fernandes participam o falecimento da Sr.ª D. Raquel Baptista de Sousa, ocorrido na sua residência, em Campelos, freguesia de S. João de Ponte, no dia 21 do corrente, tendo-se efectuado o seu funeral no dia 23, na paroquial desta freguesia e cumprem o dever de agradecer a todas as pessoas amigas que, tomando parte no funeral, quiseram prestar à saudosa extinta a sua derradeira homenagem. 654

Campelos, S. João de Ponte, 25 de Outubro de 1947.

O Discurso do Dr. José Rinto Rodrigues

Conclusão

os meus conterrâneos fazendo votos por que o Dr. Ferreira da Cunha se mantenha na direcção do Município.

Votos que formulamos pelas razões soberanas que derivam do conhecimento das suas qualidades de inteligência e de carácter, e também porque é tempo de os Poderes Públicos se convencerem de que não temos precisão, nem desejamos, *melhor, nem queremos*, que estranhos venham tratar dos problemas que, por serem nossos, melhor do que ninguém conhecemos e melhor do que ninguém podemos resolver!

Desejam os responsáveis pelos destinos do Vitória, Sr. Presidente da Câmara, que estas comemorações coincidam — e os factos já o revelaram — com uma nova etapa da sua actividade; desejam que se realize, sem demora, e do mais amplo modo, o objectivo, a que já me referi, de contribuir eficazmente para a formação do carácter e a preparação física dos jovens vimaranenses.

Como princípio prometedor deste elevado designio, a Escola de Desportos, inaugurada há pouco, é uma realidade de que poderão resultar maravilhosos frutos, se as entidades oficiais lhe prestarem o devido auxílio.

E, ao referir à Escola, tenho a maior satisfação em salientar, de entre os seus animadores, o simpaticíssimo Bravo, que, no Clube, numa carreira que se impõe como admirável exemplo, se elevou de praticante — e dos mais esforçados e brilhantes o foi — a dirigente consciencioso e sabedor, mercê de excelentes qualidades naturais que no meio vitoriano apurou e desenvolveu.

Essa Escola é de-veras interessante, e não há palavras que bastem para agradecer aos que nela tão inteligentemente trabalham. Lastimável, o não ser ainda suficientemente conhecida — e compreendida.

Verifica-se, como ontem referiu o Dr. Moura Machado, no brilhantissimo trabalho que antecedeu a conferência de Ribeiro dos Reis, que a frequentam dezenas de rapazes, de condição humilde, quase todos, que assim dão o exemplo aos que, porque se sentem melhor instalados na vida, só por disporem de mais comodidades e bens materiais julgam poder dispensar, para virem a ser cidadãos úteis e capazes, os benefícios da cultura física e dos demais ensinamentos que naquela Escola se subministram.

O Vitória espera — confiadamente espera — que a Câmara da Presidência de V. Ex.ª, Sr. Dr. Ferreira da Cunha, lhe dê, para esta obra e para as outras de interesse geral que projecta, a mais decidida e larga assistência!

O Sr. Presidente da Associação de Futebol do distrito não pôde estar presente por motivo de serviço público.

Fez-se representar pelo Sr. Jerónimo de Castro, a quem dirijo cordiais saudações.

A Associação Distrital — e bem lhe cabe esta designação, desde que efectivamente procura tratar, e tem tratado, de igual modo todos os seus filiados — de há tempos a esta parte, e oxalá sempre assim seja, tem realizado, dentro das suas possibilidades, uma obra que, se a alguns pode não satisfazer plenamente, se impõe pelo desejo de cuidar, sem preferências, dos interesses de todos. E isto já é muito.

São valiosos os colaboradores do Engenheiro Cruz a Silva, mas distingui-lo, não é menosprezar os restantes, porque, pela sua boa fé, pelo desejo de acertar, pela lhaneza do trato, pela sua persistente actividade, ele merece, sem favor, as nossas homenagens.

Seja qual for o sistema ou organização que definitivamente fique a vigorar no País, no que respeita ao futebol, as Associações regionais, ao contrário do que só malèvolamente se tem afirmado, terão sempre papel de grande relevo a desempenhar.

A preparação dos futuros praticantes pertence-lhes, e o prover a ela proficientemente é objectivo de primacial importância, pois esse é o problema n.º 1 da modalidade.

*

Agora, e com indizível agrado, cumpre agradecer a duas pessoas *da Casa* o que por ela têm feito.

São os Srs. Presidentes da Assembleia Geral e do Conselho Fiscal. A menção dos cargos pouco diz. Dizem tudo, os nomes: Dr. Moura Machado e Dr. Mota Prego de Faria.

Tipo perfeito de desportista, conhecedor, como raros, de tudo o concernente ao atletismo, o Dr. Moura Machado tem prestado ao Vitória uma colaboração inestimável.

Tem prestado — e continuará a prestar. E' no futuro que os resultados da sua magnífica actividade se vão sentir.

Por imposição da sua vida profissional, temo-lo entre nós — na terra dele e nossa, e bem desejamos que nunca nos deixe, porque os seus ensinamentos, a sua experiência, a sua cultura, a sua inteligência nos são preciosas.

O Dr. João, por quem tenho vivo e profundo afecto fraternal, perdoará que moleste a sua modéstia ao afirmar (e afirmo, como é meu hábito, o que sinto) que é dos mais lídimos valores da geração a que pertence.

Sem a menor lisonja, ele honra a classe médica vimaranense, que sempre se tem distinguido pela elevada competência de muitos dos seus componentes.

*

Numa manifestação de solidariedade que é muito grato assinalar, os Clubes da I Divisão da Associação distrital associaram-se ao regozijo vitoriano em termos de inequívoca estima, que é de obrigação agradecer muito especialmente.

Os que hoje não se fizeram representar, justificaram cortezmente a sua ausência.

A todos — muito e muito obrigado e os desejos das maiores prosperidades.

E com sentidas homenagens a todos, permito-me destacar, por motivos que, por obvios, desnecessário é salientar, a presença dos Srs. Presidentes das Direcções do Sporting de Braga e do F. C. de Famalicão.

Sporting de Braga, F. C. de Famalicão e Vitória são hoje três valores positivos do Futebol Nacional, e continuarão a marcar e a melhorar a sua posição se mantiverem entre si, além de natural e compreensiva e leal emulação, as melhores relações de camaradagem e de cooperação, porque, afinal, o objectivo de cada um é o objectivo de todos: servir e engrandecer a Causa Desportiva.

Para V. Ex.as, para a massa associativa das vossas colectividades, para os praticantes das diversas modalidades desportivas dos vossos clubes, especialmente para os do Futebol, vão as saudações vibrantes, calorosas, entusiásticas, de todos nós!

*

Nem por serem modestos desmerecem de aplauso e reconhecimento os Clubes do concelho, aqui também representados — F. C. de Vizela, Caçadores das Taipas e Moreirense — aos quais igualmente desejamos as maiores prosperidades, fazendo simultaneamente votos por que mantenham sempre com o Vitória as mais estreitas e leais relações, porque delas só podem resultar benefícios comuns.

*

E' nosso convidado de honra o Major Ribeiro dos Reis. A sua lição de ontem foi a confirmação das qualidades que o distinguem.

Conhecimento profundo dos assuntos que versa, aprumo, correcção, integridade.

Rectilíneo na exposição das ideias e no comentário dos acontecimentos.

As suas crónicas, as suas notas, os mais ligeiros apontamentos da sua pena de jornalista são modelares.

Nem confusionismo, nem alardes de fácil erudição.

Sóbrio, sensato, prudente. Aos ataques e às insinuações responde com a elegância própria de quem sabe conscientemente estar ao serviço da Verdade.

Quando erra, reconhece e rectifica o erro.

Quando o adversário é leal, presta-lhe a merecida homenagem. Em todas as circunstâncias, um homem de bem. E, sem dúvida, um Mestre.

Se há ainda muito a aprender, se temos, todos, muito ainda a caminhar para atingir um nível desportivo superior, a culpa não é de Ribeiro dos Reis, nem de outros mais, poucos, para nosso mal, que, como ele, se têm afadigado a aconselhar e ensinar, pelo saber, pela experiência, pelo exemplo, o que melhor deve fazer-se e o que nunca deve tentar-se.

E' pena que este magistério magnífico de Ribeiro dos Reis não tenha tido ocasião de ser aproveitado em situação oficial que de direito lhe pertence.

*

Todos os que se interessam pelos assuntos desportivos, por esta ou aquela modalidade, têm a sua inclinaçãosinha por um dos clubes grandes.

E' vulgar ouvir-se, com um certo arreganho egoísta em que a criatura se identifica ao predilecto: «Eu sou Sporting», «Eu sou Belenense», «Eu sou Porto».

Pois bem — desculpem-me a nota pessoal — desde miúdo — *Eu sou Benfica.*

Menino e moço me prendi à cor fulgurante do glorioso Clube da Águia — e a ela hei-de morrer fiel.

Vitória e Benfica são os meus dois amores... no Desporto.

Esta referência não é descabida: provoca-a a presença de Manuel Afonso, personalidade de destaque do Desporto nacional, que todos de certo conhecem pela acção proficua, inteligente, enérgica que tem desenvolvido em diversas gerências do S. L. e Benfica.

Ainda não há muito, Manuel Afonso tomou uma atitude de grande nobreza e rica de coragem moral, em que interpretou fielmente o pensamento de quantos lamentam que o organismo superiormente disciplinar e hierárquico do futebol português continue em regime que é — paradoxal — o menos desportivo possível.

A Manuel Afonso e ao seu Clube dirijo as saudações dos deportistas vimaranenses.

*

Voltando à *gente da casa*, cabe agora focar a actividade da Direcção do Vitória.

São por demais conhecidos os esforços dos dirigentes no sentido de, sob todos os pontos de vista, obterem as melhores condições de vida para a colectividade; referi-los em pormenor é, pois, desnecessário.

Conhecem muitos dos assistentes, por rude experiência própria, o que são as canseiras, os incómodos, as contrariedades e tudo o mais que de pouco agradável tem o desempenho de cargos directivos nos clubes de desporto.

Esses, melhor que os restantes, saberão prestar homenagem às pessoas que ocupam os postos de comando do Vitória.

Aos outros direi que é preciso, na verdade, *ter andado lá por dentro* para avaliar como *aquilo* é difícil e trabalhoso.

Poucas satisfações, muitos desenganos.

No geral, ao fim e ao cabo, raro, só por milagre, se conseguirá o reconhecimento do bem que se haja praticado de modo a superar a crítica do mal em que se haja incorrido.

E' assim — e provavelmente sempre assim será...

Mas hoje — dia festivo — saudemos aqueles que, mais do que nenhuns outros, sentem a alegria destes momentos.

Saudemo-los no Antero Silva.

Saudemo-los no Faria Martins, que, se é certo não pertencer aos corpos gerentes, é o seu melhor conselheiro e orientador.

A reunião, efectuada ainda há bem pouco tempo, em Lisboa, dos representantes dos clubes da I Divisão Nacional, convocada pelo Vitória, deve-se ao senso das oportunidades e à clarividente inteligência de António Faria Martins.

*

Entre os cooperadores do Vitória aqui presentes, está o treinador Artur Baeta, cuja actividade é merecedora de relevo.

A mais espinhosa, a mais ingrata, a mais difícil coisa que um homem pode ser no futebol, — é treinador.

Os treinadores são louvados poucas vezes. O frequente é serem, se não vaiados no campo, malsinados, desprestigiados nas tertuliazinhas dos milhentos técnicos que brotoejam por toda a parte.

E' mal que vem de longe — é mal de remédio por descobrir.

A história dos clubes, grandes e pequenos, é, a este respeito, elucidativa.

O treinador é a modos de um boneco de *pim-pam pum* a que atiram a pela dos seus sarcasmos e dos seus azedumes (no geral, manifestações doentias de desaires ou inexitos não compreendidos) os que sabem de mais ou sabem de menos ou, até, não sabem nada da bola.

Inteligente, culto, estudioso, de educação primorosa, Artur Baeta tem personalidade.

A Escola dos Desportos é quase inteiramente criação dele.

Merece absolutamente que o compreendam, o respeitem e o ajudem na missão a que dedica — incontestàvelmente — a melhor vontade de acertar.

*

Aos rapazes do Vitória — que eles, em especial, os do grupo de honra, quase todos casados e pais de filhos, me deixem chamar-lhes deste modo, porque o faço por *bem* — aos rapazes direi breves e simples palavras, repetição de outras que em similares circunstâncias lhes tenho dirigido.

Por isso mesmo que, justamente, pelos vossos méritos, pelos ensinamentos dos Mestres, pela assistência dos dirigentes, pelo dispêndio da vossa energia, ascendestes a lugar proeminente entre os milhares dos vossos camaradas que praticam o mesmo desporto, tendes responsabilidades e obrigações a respeitar e a cumprir, que vos forçam a exibirdes as qualidades que devem ser timbre de quem enverga uma camisola que não é mera peça de indumentária, mas símbolo que em todas as circunstâncias tereis de honrar, dignificando-vos.

Não vejais nestas palavras de amigo (porque de todos vós sou amigo, bem o sabeis) qualquer velada censura, que não mereceríeis.

Antes, podeis ter a certeza de que vo-las dirijo com a convicção de que, no futuro como no passado, poderemos contar convosco para escrever na história do Clube, que é de nós todos, mais páginas de glória e de apoteose.

O desporto que praticais é dos mais belos, se for praticado com a perfeita compreensão dos deveres a que obriga.

Superior à preocupação clubista, à emulação regional, à conquista do título, ao prestígio da vitória ou amargor da derrota há uma ideia: — a do Desporto.

Uma derrota (se é lícito empregar este termo tão bélico) nunca deve ser motivo de desânimo, amargor, malquerença ou falta de confiança. Uma vitória (outro termo por igual belicista) não deve ser motivo de tanto orgulho que leve a menos considerar o vencido ou aos inconvenientes de ilusória superioridade.

O essencial é fazer cada um por si e todos por cada um o melhor que puder ser.

A vida não é só hoje, — é muito mais — amanhã.

O que fizerdes pelo clube por vós o fareis.

Desejo-vos as maiores felicidades, pessoais e desportivas — e ao desejar-vo-las interpreto a vontade de todos os vitorianos.

*

Antes de terminar, um último agradecimento, e merecidíssimo também: — à Imprensa, aqui representada por alguns dos seus obreiros mais distintos.

Sem a sua ajuda, o Vitória, como, de resto, todas as colectividades desportivas, não poderiam realizar os seus objectivos.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Há quinze anos, dois jovens *caroias* do Vitória, um que a morte cedo arrebatou, o saudoso José Silva, outro aí presente, e sempre môço, o António Bourbon do Amaral, instaram em nome de numeroso grupo, por que eu ingressasse no Vitória, numa situação delicadíssima, numa emergência em que estavam gravemente afectados os seus destinos.

Anuí.

Passadas poucas horas, depois de prévia preparação trabalhosíssima — que ainda me canso ao lembrá-la... — numa assembleia geral célebre, a mais célebre — e a mais perigosa, por motivos que agora não vêm ao caso — de quantas se têm efectuado no Vitória, as coisas levaram tal caminho que a colectividade logo entrou decididamente em étapa que marcou o início de uma expansão que de regional transcendeu para o âmbito nacional.

Deixem-me ter o prazer de regozijar-me com a certeza de que isso se ficou devendo um poucochinho a mim.

Lembram-se de quando o Vitória alcançou pela 1.ª vez o campeonato distrital?

Pois como não hão-de lembrar-se daquela apoteose em que participaram todos os vimaranenses, mas todos — sem exagero?!...

Bons tempos!...

De então para cá, no Vitória ou na Associação do distrito, tenho ininterruptamente exercido vários cargos.

Aconteceu-me como a tantos outros: vim para umas horas, fiquei por muitos anos.

E o caso é que já tenho direito à reforma... — e não esperarei que ma imponham —.

Invoco estas circunstâncias para me sentir eu próprio com alguma autoridade nas afirmações já ouvidas e noutras que ainda o serão.

*

E' aos sócios do Vitória que, agora, me dirijo.

A todos — presentes e ausentes.

Para uma simples, mas veemente exortação.

Ao iniciar um novo ciclo da sua existência, o Vitória precisa, cada vez mais, de vós.

Dai-lhe a vossa cooperação, em todas as horas, com perseverante confiança.

Fazei quanto puderdes para dotar o Vitória com uma sede que seja o lar comum onde debatais cotidianamente o que entenderdes sobre o rumo da vida associativa, acabando com o detestável espectáculo, lastimàvelmente frequente, de se transformarem em pequeninas *sedes* os lugares menos próprios.

— Ser sócio confere direitos — traz vantagens.

Acarreta também, não menores, nem menos respeitáveis — obrigações.

Para sermos amigos do Vitória devemos lembrarmo-nos mais destas do que daqueles.

— Claro que, se o Vitória ocupa a posição que a todos nos desvanece, isso provém, em muito, do amparo e dedicação dos sócios.

Contudo, vale mais um afecto consciente, equilibrado, duradouro, seguro e firme, do que um amor transbordante de entusiasmo, quase sempre efémero.

Não exageremos o nosso vitorianismo até ao ponto de o transformarmos em doença que oblitere os sentimentos mais razoáveis.

Queiramos ao Vitória com acendrado afecto, que ele o merece, mas com pureza, sem o manchar com exigências de adoradores insofridos!

— Sei que isto está, verdadeiramente, no espírito de todos.

Sei que nesta hora não há divergências a dividir-nos, contrariedades a desunir-nos.

Que assim sempre aconteça — são os votos fervorosos de um velho militante, desprovido de méritos, mas cheio de experiência.

— Meus amigos, meus irmãos do Vitória:

Daqui a 25 anos — por que não? — ao assistirmos ao banquete comemorativo das Bodas de Ouro do Clube, seja lenitivo à inevitável velhice de muitos de nós a consciência de termos cumprido cabalmente os nossos deveres de sócios e de legarmos, por isso, a filhos e netos, impoluto, imaculado, o lábaro do Vitória!...

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Eu tenho a nítida percepção do tremendo maçador que sou.

A culpa é menos minha e mais de quem teimou (e, valha a verdade, à última hora o fez) para que viesse desempenharme deste encargo.

Tranformei numa insulsa miscelânea enfastiante o que poderia ter sido conversa amena e ligeira.

E' às Senhoras, que nos trouxeram o irradiante fulgor da sua gentilíssima presença, é a Elas, sobretudo, que eu peço, mais do que desculpa — é a Elas que imploro, contritamente, generoso perdão.

Aos homens direi que levem esta estopada à conta dos sacrifícios que já tenham feito pelo Clube.

Mas não é, com certeza, sacrifício para ninguém acompanhar-me nestas duas festivas e clamorosas saudações:

Viva o Vitória!
Viva Guimarães!

BOMBA AZUL

AER-A-SOL DDT

Maravilhoso insecticida de absoluta oficácia e efeitos fulminantes contra todos os insectos e parasitas.

A' venda nos seguintes Estabelecimentos:

Humberto Guimarães Pinheiro — Guimarães

AGENTES E DISTRIBUIDORES NO CONCELHO:

471 *Sousa & Ferreira, L.da*

Largo 28 de Maio.

FERRA & PASSOS, L.DA

SEDE EM GUIMARÃES — Rua de Camões, 28-1.º

STAND EM BRAGA: 619

Avenida Marechal Gomes da Costa, 113

AGENTES NO DISTRITO DE BRAGA

dos Automóveis e Camions "Renault" e AGENTES nos Distritos de Braga e Viana do Castelo dos Automóveis "Nash".

JOALHEIROS FABRICANTES

Ferra & Irmãos, Limitada

Com as suas instalações na Rua de Camões, 28-1.º-Dt.º, executam nas suas oficinas de maneira insuperável, com esmero e escrúpulo, os mais difíceis trabalhos de **Ourivesaria e Joalheria.**

Se V. Ex.ª pretende possuír algum objecto do nosso FABRICO, entre outros, anéis para homem e senhora, brincos, alfinetes e broches, não deixe V. Ex.ª de visitar o nosso escritório aonde apreciará numerosos trabalhos aos melhores preços.

ARAME ZINCADO

N.os 10, 11, 12, 13 E 14

FERRO T PARA RAMADAS

ENTREGA IMEDIATA

Reinaldo, Martins & Gonçalves, Limitada

Rua Paio Galvão — GUIMARÃES.

CAMIONAGEM

Transportes de Carga e Mudanças

BARCAGENS e Despachos

AGENTES TRANSITÁRIOS

JOVE DE MELLO & C.ª

Casa fundada em 1882

RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67

PORTO

Telefones 21073 e 21074 e Estado 57 — CORREIO Apartado 12

"O LAR FAMILIAR"

A Cooperativa «O LAR FAMILIAR» ajuda a construir, adquirir ou reconstruir, uma casa para cada associado e tem por lema ajudar todos aqueles que, possuindo minguados recursos, albergam no seu espírito o justíssimo anseio de possuirem o seu Lar.

O associado pode obter a sua casa em qualquer ponto do Continente, pagando uma amortização que, por vezes, é muito inferior à renda devida ao senhorio e tem a vantagem de habitá-la seguidamente à sua construção, não pagando juros do dinheiro que a Cooperativa lhe abonou.

SEDE NO PORTO: Rua de Santo Ildefonso, 17-2.º — Telefone, 28003.

AGENTE NESTA CIDADE: Avelino Faria Guimarães — Telef., 4229.

REPRESENTAÇÕES

Pretende pessoa de 35 anos de idade e conhecedor da praça de Lisboa, onde trabalha há 20 anos numa importante casa comercial.

Dão-se as referências necessárias. 643

Resposta à redacção deste jornal com as iniciais H. C.

AFINADOR PRECISA-SE, que saiba debuxo, para mestre de pequena fábrica.

Escrever ou falar na CASA NATÁLIA — VIZELA. 641